

Quem matou Mondlane?

Por Domingos Arouca *

A Frelimo teve dois presidentes e ambos sucumbiram de morte violenta. Estranhamente, nos dois casos, a Frelimo diz ignorar quem foram os autores desses horrendos homicídios, andando às apalpadelas pela densa escuridão que ainda os envolve e que não tem permitido, até hoje, identificar os seus verdadeiros responsáveis.

Trata-se de dois crimes iníquos que o povo moçambicano repudia vivamente, como não podia deixar de ser.

De vez em quando, a propósito de referências feitas por políticos e estudiosos, os infaustos eventos emergem à superfície.

No que concerne ao trágico desaparecimento de Samora Machel, declarações recentes produzidas publicamente pela viúva Graça Machel, vieram pôr em causa a tese única e oficial sustentada pela Frelimo e seus agnigados e que apontava o dedo acusador na direcção de Pretória, sendo certo que a Frelimo nunca exibiu publicamente a mais ténue prova dessa grave imputação.

Sempre preconizámos e defendemos que os Estados, tal como os indivíduos, devem pautar a sua conduta com dignidade e responsabilidade.

Sobre a morte de Machel tratáremos em momento e lugar próprios. Passemos, pois, ao tema que, hoje e aqui, nos ocupa.

A circunstância do actual Presidente da Frelimo ter-se referido publicamente ao assunto, em termos pré-eliminar, no seu encontro com crianças da organização "CONTINUADORES", do Bairro das FFLM e também durante as celebrações do fim do Ramadão, reproduzidas no jornal estatal "NOTÍCIAS" de Maputo, nos dias 11, 29 e 30 de Abril e 1 de Maio de 1992, levou-nos a aghosar este tema mais cedo do que desejariámos.

A determinada altura das suas declarações, Chissano afirma:

"Mas investigações que se seguiram dão indicação de que o livro que matou Mondlane saiu daqui de Moçambique para Dar-es-Salaam. Pensamos que foram os serviços do colonialismo que prepararam esse livro com esses explosivos. Saiu daqui em mãos de pessoas para o Malawi, de lá para o Sul da Tanzânia, assim por diante até chegar a Dar-es-Salaam e até foi entregue directamente às mãos do Presidente Mondlane porque é a ele que queriam matar" (O sublinhado é nosso).

Como se verifica da passagem ora acabada de transcrever, as declarações do líder da Frelimo não se fundamentam em nenhuma evidência científica, mas em simples suposições. Com efeito, o Presidente da Frelimo começa por dizer "Pensamos que...", em vez de sabermos que..., o que significa que a Frelimo supõe, mas não sabe. Pensar e saber são duas realidades diametralmente opostas. Todos temos o direito de pensar o que quisermos, mas nem sempre o direito de expressar esse

pensamento, mormente quando careça de fundamentação sólida e, sobretudo, quando possa ferir susceptibilidades de terceiros.

Não basta pensar, julgar ou supor que as coisas passaram-se de certa maneira, para logo se acusar quem quer que seja e muito menos os nossos próprios irmãos moçambicanos, só porque são nossos adversários políticos. Ser adversário político não é ser inimigo de ninguém, mas apenas opositor. Na Inglaterra, berço dos Direitos Humanos, o Leal Opositor da Sua Magestade até auferiu vencimento do Estado pelo desempenho das suas funções.

Mesmo admitindo, como igualmente se afirma que a investigação deu "indicação", esta não constitui, por si só, prova judicial decisiva. Na verdade, "indicação" significa pista ou prova indiciária, a qual é, por si só, como se sabe, irrelevante em direito processual penal.

O bom-senso dos juristas romanos sempre aconselhou, desde há mais de dois mil anos, seguir-se com humildade o princípio: *in dubio pro reo*. É isto porque repugna menos à consciência humana absorver um culpado do que condenar um inocente.

Mas se o livro-bomba foi entregue em mão ao Presidente Mondlane por portador desconhecido, como é que se pode afirmar que o mesmo seguiu o itinerário descrito? Mesmo admitindo que o livro fora armadilhado em Moçambique, o que não parece estar provado, daí que não se pode deduzir a identidade dos seus artifices, nem que o mesmo não possa ter sido expedido de outro país africano ou europeu.

Salvo o devido respeito, tais palavras suscitam-nos dúvidas legítimas que nos obrigam a formular algumas questões prévias:

a) - Existia ou não um dispositivo de vigilância e segurança para protecção do Presidente Mondlane?

b) - Em caso afirmativo, quem era o seu responsável e onde se encontrava ele no momento em que o criminoso, em pleno dia, se aproximou de Mondlane e lhe fez a entrega da encomenda explosiva?

c) - Como foi possível que um qualquer homicida desconhecido da área de segurança, se tivesse aproximado tanto de Mondlane, em plena luz do dia, sem ser detectado?

d) - Quem recebia e habitualmente abria a correspondência dirigida ao Presidente Mondlane?

e) - Mondlane não dispunha de uma secretária, secretário ou de um ajudante de campo, que atendesse as suas visitas, antes de serem recebidas por ele?

f) - Além de Mondlane, quem mais possuía as chaves do seu gabinete?

Noutro passo das suas declarações, o Presidente da Frelimo diz: "Sabiam que ele gostava de ler e puseram uma bomba num livro".

Mas quem é que sabia isso?

a) - As pessoas que trabalhavam e conviviam com ele?

b) - Ou aqueles que não trabalhavam nem conviviam com Mondlane?

c) - Quem beneficiou-se realmente, com a sua morte?

d) - Toda a gente sabe que Mondlane era um político moderado, culto e pró-occidental. Logo após a sua morte, a Frelimo quinou a esquerda, passou a integrar o clube dos marxistas-leninistas, de tão triste memória e que tanto e tão avultados prejuízos materiais e morais inflingiu ao nosso depauperado e martirizado povo.

Portanto, quem é que estava interessado em que Moçambique não alinhasse politicamente com o ocidente?

O Presidente da Frelimo acusa Moçambicanos ilustres de agitados e traidores porque, nas suas opiniões, que respeitamos, mas não compartilhamos, ajudaram a matar Mondlane, indo até ao ponto de indicar os seus nomes:

"Gwendjere, Simango, Basílio Banda e Kavandame". Salvo elementos probatórios em contrário, consideramos inaceitável tal imputação, pois não se compreende como é que ajudaram a matar Mondlane se, até hoje, nem se quer se sabe quem foi o autor do assassinato. Ajudaram-se e como?

Podê haver assassino sem cúmplice, mas não é possível haver cúmplices sem criminoso. Quem foi o criminoso? Eis a questão!

A ideia de ajuda implica entendimento e concertação prévia, conjugação de acções e esforços com vista a alcançar o mesmo objectivo, *quod demonstrandum est*.

O mínimo que a Frelimo poderá fazer, agora, como prova de boa fé, não é alacar quem não se pode defender, mas proporcionar-lhes um julgamento póstumo público, o que é fundamental para a tranquilidade da consciência nacional.

Na verdade, é imperioso saber-se com toda clareza e transparência qual foi o tribunal que os julgou, quem foram os juizes que os sentenciaram, quais os factos concretos arrolados no despacho de pronúncia, qual o teor e conteúdo dos depoimentos dos acusados, quem foram os seus advogados de defesa e, finalmente, onde se encontram esses moçambicanos ilustres, vivos ou mortos.

Efectivamente, o desaparecimento de políticos moçambicanos são tão destacados por períodos de tempo tão dilatados e no contexto político ao tempo vigente, queria uma legítima presunção *juris tantum* da sua morte. É ao governo da Frelimo que incumbe o ónus de ilidir tal presunção.

A eventual repetição do julgamento é importante, sobretudo porque poderá conduzir à reabilitação dos desaparecidos perante a sociedade moçambicana, varrendo-se o estigma que os seus familiares mais próximos penosamente carregam e estoicamente suportam dia após dia.

A reconciliação nacional que todos almejamos, só será séria e verdadeiramente pacificadora se abranger igualmente os mortos e desaparecidos. O património moral da nação moçambicana não é só constituído pelos vivos, mas por vivos e mortos. Mais por estes do que por aqueles. Por isso não podemos nem devemos marginalizar ninguém, se não

queremos correr o risco de nos virmos a nós próprios e aos vindouros.

E já que o Presidente da Frelimo estava em maré de esclarecimento sobre figuras políticas desaparecidas, pena foi que não tivesse igualmente abordado o desaparecimento da dr.^a Joana Simião, minha adversária política, mas boa amiga e minha contemporânea na Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa.

Também não colhe a desgastada imputação aos serviços do colonialismo, da acção criminosa e armadilhamento do livro com explosivos, pela simples e óbvia razão de que Portugal não tinha o menor interesse na morte de Mondlane. Com efeito, é público e notório que Salazar era um anticomunista intransigente e irreductível e que durante os cerca de cinquenta anos que governou Portugal, os comunistas portugueses não se atreviam a pôr as unhas de fora. Salazar podia ter e tinha, com certeza, alguns defeitos como toda a gente. Mas não era estúpido.

Ele sabia perfeitamente que Mondlane era um político moderado e pró-occidental, com quem poderia vir a dialogar um dia, e que ao seu eventual desaparecimento seguir-se-ia uma luta encarniçada pelo poder no seio da Frelimo, da qual os marxistas-leninistas seriam os prováveis vencedores, como veio a acontecer, dado que já era indistigável e patente o apoio logístico prestado à Frelimo pelos países comunistas liderados por Moscovo e Pekim. Contrariamente, pois, Portugal só tinha interesse em que Mondlane continuasse vivo e são, pois era considerado um mal menor.

Acresce que, se o livro tivesse sido entregue em mão ao Presidente Mondlane, o mais natural teria sido abrir a encomenda imediatamente na presença do portador e, nesse caso, teriam morrido os dois o que, como se sabe, não aconteceu, pois um só cadáver, o de Mondlane, foi encontrado no local do crime.

Quando esta trágica ocorrência aconteceu, em Dar-es-Salaam, encontrava-me preso na Cadeia do Forte de Peniche, nos arredores de Lisboa, um estabelecimento prisional de alta segurança.

Todavia, recorde-me perfeitamente que a imprensa europeia da época, sempre bem informada, aventava três hipóteses fundamentais:

a) - Ter sido o livro bomba preparado em Maputo, em casa de electrónica de especialidade.

b) - Ter sido a bomba preparada, embalada e expedida do Moscovo ou ex-R.D.A.

c) - Que uma bomba ventosa tivesse sido colocada debaixo do assento da sua cadeira, de modo a explodir com a pressão do corpo quando Mondlane se sentasse.

Esta última hipótese baseava-se no facto de o corpo de Mondlane ter ficado completamente desfeito da cintura para baixo, mantendo-se o tronco intacto.

A ser verdadeira esta versão, até parece que a bomba - ventosa só podia ter sido colocada por pessoa de

confiança de Mondlane, que pudesse ser vista a entrar ou sair da casa sem suscitar suspeitas, uma vez que nunca se falou de portas ou janelas arrombadas ou simplesmente forçadas.

Mondlane morreu a 3 de Fevereiro de 1969. Era professor de Psicologia da Universidade de Siracusa, nos Estados Unidos da América, casado com cidadã americana. Dali partiu para Dar-es-Salaam com objectivo de unificar os movimentos de libertação de Moçambique e dirigir a luta de guerrilha.

A sua grandeza moral e política exige que a busca das causas que conduziram ao seu assassinato nunca cesse, enquanto não forem descobertos, identificados e julgados os seus assassinos e cúmplices, como é de inteira justiça, estejam eles onde estiverem. Essa será a mais comovida e merecida homenagem que o povo moçambicano poderá prestar-lhe, muito mais significativa e profunda do que o mero acto mecânico e repetitivo de colocar flores no seu túmulo em todos os três de Fevereiro.

Existem, aliás, várias hipóteses que pretendem explicar este crime, mas que, como meras hipóteses que são, não legitimam nem autorizam ninguém a acusar alguém:

a) - Para o serviço Informação Difesa (SID), a espionagem italiana, a autoria do crime pertenceria a um rede abrangendo Urias Simango, na altura o Vice-Presidente da Frelimo, Jorge Jardim, a PIDE Moçambicana e a Aginter-Press, organização terrorista portuguesa de direita sediada em Lisboa.

O envolvimento de Simango não parece aceitável, pois encontrava-se há vários dias em Kartum, capital do Sudão, quando se deu o crime.

b) - Aponta-se igualmente Lázaro Kavandame, desertor da Frelimo que depois entregou às autoridades portuguesas, como tendo agido como cúmplice da PIDE na fase de consumação do crime. Observamos que Kavandame, era demasiado conhecido na Frelimo para poder ter sido cúmplice bem sucedido.

c) - Exclui-se Portugal do envolvimento criminoso, com fundamento no facto de Lisboa preferir a moderação de Mondlane ao radicalismo pró-chínês ou pró-soviético de outros dirigentes da Frelimo.

d) - Segundo outros "Mondlane foi morto por uma bomba num livro. Encomendas semelhantes foram mandadas a dois outros membros do Comité Central da Frelimo, primeiro a Urias Simango e depois a Marcelino dos Santos, mas desactivadas a tempo. Os livros foram metidos no correio a partir da União Soviética.

e) - Com a cumplicidade de algum ou alguns dos seus colaboradores mais próximos, Mondlane, Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Samora Machel foram mortos ao iniciarem uma política de viragem para o Ocidente. Mondlane, por maioria darazão, pois já era pró-occidental.

Por que não submetermos esta questão, logo após as etcíções, a um debate nacional,

já que de uma personalidade nacional se trata? Aqui fica a sugestão para todos os moçambicanos de boa vontade e interessados num melhor esclarecimento deste imbróglho.

Em Janeiro de 1975, seis anos depois da morte de Mondlane, estivemos na Tanzânia durante oito dias, dos quais três na base Militar de Nachingwea.

O Presidente Samora Machel dera instruções no sentido de que nos fosse facultado visitar todos os recantos e lugares da Base, o que foi escrupulosamente cumprido pelo comandante Manave.

Durante a nossa estadia naquele local, Óscar Monteiro convocou todos os prisioneiros da Frelimo ali internados, que eram já aos milhares, e fez-nos a apresentação individualizada dos mais destacados. Ficámos com a impressão de que se tratava de um ritual praticado sempre que a Base recobria visitantes de certo gabarito, como Samora imerecidamente nos considerava.

Encontravam-se ali, entre muitos outros, o pintor João Craveirinha Júnior, o velho Mazula, Basílio Banda, o rev. Urias Simango e sua mulher.

A Joana Simião era esperada dentro de umas semanas, segundo nos informou o próprio Samora Machel.

Sentado num Palanque para o efeito improvisado, ao ar livre, num descampado, o Dr. Óscar Monteiro citava o nome de cada prisioneiro e, a seguir, mencionava o rol de "crimes" que lhe era imputado, num intermínível e pungente espectáculo. Quando chegou a vez do rev. Simango e mulher, o Dr. Óscar Monteiro disse que o casal era acusado de tribalismo, racismo e regionalismo e que a mulher era pior que o marido. Nem um só dos prisioneiros ali presentes tentou balbuciar um simples monossílabo para protestar ou contestar as acusações...

Lembramo-nos perfeitamente deste cenário, como se se tivesse passado ontem. O casal Simango olhava altivamente para o Dr. Óscar Monteiro, com muita dignidade e coragem, parecendo dizer: "Perdoa-lhe, meu Deus, que ele não sabe o que diz".

Mesmo que tais imputações fossem verdadeiras, o que se duvida num caso cujo comportamento social era pautado de acordo com os princípios evangélicos, perguntamos: quantos racistas, tribalistas e regionalistas existiram no nosso país?

Alguém os persegue ou castiga por esse facto? E quantas pessoas pensarão e dirão hoje, como Gwendjere ontem, que a língua portuguesa devia ser substituída pela língua inglesa para maior fluência de contactos e relações a todos os níveis com os países da região e até do mundo inteiro?

Repugna-nos, porém, considerar como criminosos, traidores ou agitadores todos aqueles que pensam desse modo. Os juizes alheios, quando errados, devem ser discutidos e corrigidos, mas não punidos. Devem ser examinados com espírito de tolerância e compreensão humana.

Surpreende-nos, por isso,



que estando Simango e outros incursos em tão grave delito, o Dr. Oscar Monteiro tenha omitido tal facto. Além disso, convém sublinhar que Simango foi um dos alvos desses engenhos explosivos e era cristão, pelo que não estava aparentado com o materialismo-atéu dos dirigentes que se seguiram, e que kavandame, como desertor que era, estava a ser procurado pela Frelimo, pelo que não podia rondar zona alguma dominada pela Frelimo.

Mas o que levou o Presidente da Frelimo a vir, agora, vinte e três anos depois da morte de Mondlane, atacar tão violentamente aqueles e outros moçambicanos ilustres? A resposta é óbvia: a Frelimo sabe que cometeu inúmeros abusos e excessos durante o período de monopartidarismo, entre os quais o desaparecimento até hoje não cabalmente assumido nem totalmente esclarecido desses e de outros políticos de oposição. A Frelimo tolera, mas não aceita a oposição nem vezes

discordantes. Nunca lhe passara pela cabeça que o sistema de partido único, que impusera ao povo moçambicano pela força das armas e do terror policial, no interesse de alguns e não de todos os moçambicanos, viesse um dia a desmoronar-se tão estrondosamente com a queda do muro de Berlim, embalada como estava na euforia efémera do mando absoluto e completamente esquecida de que em política nada é definitivo porque tudo é provisório.

Assim sendo, a Frelimo não ignora que será muito questionada durante a campanha eleitoral e, antes que os ataques comecem a ser desencadeados, o seu líder decidiu ser ele a passar à ofensiva, de acordo com a regra desportiva de que a melhor defesa é o ataque. Se é verdade que esta regra tem-se revelado útil em desporto, já é bastante duvidoso que produza idênticos resultados em política. Iguamente não resultam neste campo as chamadas jogadas de antecipação, quando o

objectivo é amortecer o impacto dos ataques adversários. Todos sabemos que a Frelimo sempre identificou, por mera conveniência política, opositores com traidores, agitadores, reaccionários, burgueses, vendilhões da pátria, etc.. etc.. etc.

As declarações do Presidente da Frelimo, ora em apreço, quando analisadas atentamente, permitem deixar surpreender essa forma *sui generis* de entendimento. Trata-se de um velho expediente político, próprio das ditaduras, destinado a reduzir o número e a qualidade dos verdadeiros opositores, intimidando os poucos que ainda se atrevem a sé-lo com dignidade e verticalidade.

Tudo isso ajuda a compreender a razão pela qual, em Moçambique, existem muitos partidos políticos de oposição, mas pouca oposição ao poder. Opositores existem ainda menos porque, neste domínio o risco é pessoal. E não é também por mero acaso que

alguns partidos de oposição se mostram afoitos e lesto a atacar outros partidos de oposição, mas guardam um silêncio quase sepulcral em relação aos desmandos mais clamorosos do partido no poder.

Como ninguém sabe, até hoje, quem foram os assassinos e cúmplices que vitimaram Mondlane, diremos, para terminar, que, em princípio, e de acordo com as mais modernas técnicas de investigação criminal, todos somos suspeitos uns mais que os outros, é claro, de envolvimento criminoso e não apenas os políticos de oposição atrás mencionados. Por isso, sugerimos que o processo, todos os relatórios e demais elementos probatórios referentes a esse trágico acontecimento sejam depositados na Biblioteca Nacional ou no Arquivo Histórico para que o povo os possa estudar, examinar e investigar, como é o seu inalineável direito, até porque pode ter escapado aos investigadores anteriores algum pomenor de interesse. ■

* Presidente da FUMO